

SUICÍDIO COMO PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA: DESAFIOS, ESTIGMAS E NECESSIDADE DE INTERVENÇÕES COLETIVAS

Camila Cardoso Cabral¹

Andressa França Matos²

Lorena Miranda Schmidt³

O suicídio é um fenômeno presente desde os primórdios da humanidade e, ao longo da história, foi interpretado de diferentes formas de perspectivas individuais e religiosas até compreensões sociológicas e coletivas. Inicialmente associado a explicações morais, passou a ser reconhecido como um problema social de grande impacto. De acordo com Durkheim, cada sociedade, em qualquer período histórico, apresenta uma predisposição ao suicídio, o que revela que esse comportamento não se restringe a indivíduos com transtornos mentais, mas envolve dimensões coletivas e estruturais. O presente estudo, de abordagem qualitativa e descritiva, fundamenta-se na obra *Vidas no Limite*, de Ticiane Paiva (2025), utilizada como estudo de caso teórico, e foi complementado por uma revisão narrativa da literatura nas bases SciELO, PubMed e PsycInfo, com os descritores suicídio, prevenção e grupos terapêuticos. O suicídio é reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021) como um grave problema de saúde pública global, sendo responsável por mais mortes que doenças como o câncer e o HIV, o que reforça a urgência de políticas preventivas eficazes. Diversos mitos e equívocos ainda dificultam o enfrentamento do problema, um dos mais recorrentes é a crença de que falar sobre suicídio poderia incentivar o ato, no entanto, estudos demonstram que o diálogo aberto e empático reduz a ideação suicida e aumenta a procura por ajuda (Gould et al., 2013). O silêncio, por outro lado, reforça o estigma e o isolamento, agravando o sofrimento emocional. Outro equívoco é a associação exclusiva entre suicídio e transtornos mentais, como a depressão, embora esses sejam fatores de risco importantes, não explicam todos os casos, pois o fenômeno também está relacionado a condições sociais, econômicas e culturais, como violência, desemprego, exclusão e desigualdade (Turecki & Brent, 2016). A medicalização excessiva, muitas vezes utilizada como resposta rápida ao sofrimento, pode gerar uma falsa expectativa de cura e contribuir para a frustração e o uso abusivo de medicamentos, sem tratar as causas

¹ Acadêmica Unifimes 202410287@fimes.edu.br

² Acadêmica Unifimes 202410609@fimes.edu.br

³ Docente do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. E-mail: lorenamiranda@unifimes.edu.br

subjacentes. Nessa perspectiva, o suicídio deve ser compreendido como uma tentativa de escapar de uma dor psíquica insuportável, conforme descreve Schneidman (1996), que entende o ato como resultado de necessidades emocionais não atendidas e de intenso sofrimento existencial. Assim, compreender o suicídio em sua complexidade exige superar visões reducionistas e investir em ações de prevenção que integrem dimensões psicológicas, sociais e comunitárias. Destaca-se, nesse contexto, a importância da capacitação de profissionais de saúde mental, do fortalecimento de redes de apoio e da criação de espaços coletivos de acolhimento, como grupos terapêuticos, que promovem vínculos, escuta e pertencimento. A articulação entre acolhimento, empatia e informação qualificada é essencial para a valorização da vida e para a construção de estratégias preventivas eficazes e humanizadas.

Palavras-chave: Suicídio. Saúde pública. Prevenção. Estigma.